

A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor:

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

Director:

ALCINDO DIAS PEREIRA

VITORINO SIMÕES LOPES SAMPAIO

Redacção e Administração: Rua 31 de Janeiro, 165—Composto e impresso na Tipografia de A VELHA GUARDA: Rua 31 de Janeiro, 165—GUIMARÃES

NATAL

A tradição quer que estes dias últimos do ano sejam consagrados à festa da família. E é grato ao espírito de todos obedecer à imposição da lenda, porque nada melhor se pode encontrar para esquecimento das tantas agruras que compõem a vida do que reunirmos à nossa volta, os velhos e as crianças, todos aquêles que nos são queridos, num abraço de alegria pela presença dos que vivem, num piedoso memorar de saúde pelos que são mortos.

Não queremos fugir à tradição.

Não iremos, portanto, perturbar com o fragor da nossa lucta a festa íntima dos nossos adversários. Que ela seja para todos precursora das mais completas felicidades.

E aos nossos amigos, aos nossos correligionários, a todos os que trabalham neste jornal, sem esquecer aqueles que o compõem e imprimem, os votos, bem do coração, para que nada lhes venha embaciar a alegria do Natal, que queremos lhes seja tão intensa que a sua recordação fique, pelo novo ano além, como reserva preciosa, para compensar as vicissitudes da vida, que nunca faltam.

ESTE NÚMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA.

Maus processos

Ou bons ou maus, os que se adoptam neste jornal, são os que nos agradam. Deles não temos que dar, nem damos, satisfações a ninguém. Uma vantagem tem ao menos: é o que lhes traz o facto de nunca termos ido pedir, áqueles que combatemos, dinheiro para nos aguentarmos no processo de lucta que seguimos.

Quem não gostar que passe de largo, porque, na nossa casa, somos nós que mandamos.

Aqui, não há nem se desejam pagens ou tutores.

E temos dito, que nem tanto era preciso.

O Coração de um doido

Corvos: tirai-me a vista, ensanguentai-me os olhos, Que o que vejo de nobre esmaga-o a traição!... Povo, filho leal, eu choro de giolhos A tua desventura e negra escravidão!...

Que mais querem de mim?... Oh! lancem-me aos escolhos Do mar da ignominia — o mar da escuridão!... Olhai: sou outro Job! Meu corpo tem piolhos, E ando quasi nu, de rastros, pelo chão!...

Onde são, onde são as minhas caravelas, Minha espada e arnez, meu elmo e meu montante?!... Onde pára o meu céu-azul cheio de estrelas?!...

O' rei Lear, ó rei Lear, eu, como tu, errante, Hei-de chorar, gritar aos ventos, às procelas, Esta fera traição dum filho meu birbantel!...

O doido perdido na treva

Nero: suspende a garra!... A escaratura é tua!... Ela baixa a cerviz a um gesto teu sómente!... Vê-a: morre de fome e estorce-se na rua Na última agonia, inerme e repelente!...

Trabalhou para quê?!... Lutou para que a sua Liberdade chegasse um dia, finalmente, A ser um grande facto?!... E exangue, e quasi nua, Grilheta do desdem, sucumbe infamente!...

Ah! basta!... Isto é demais, ó sécujo maldito!... Que se seja hediondo, infame, vil, precito, Mas que esta humana-fera encarne a Humanidade!...

Ah! basta!... Isto é demais!... O' róta multidão: Tiram-te o proprio sangue, o miseravel pão, E não te dão, sequer, um ar de Liberdade!...

DELFINO DE VIMARANES.

Ào cabeça de turco

Estamos no Natal e sem disposições, portanto, para grandes controversias. A hora é de tréguas. Mas, porque a oportunidade pode escapar, sempre lhe diremos que é de boa prudencia medirmos as palavras com que escrevemos. Aqui não se achincalha, nem mente. Não se cai mesmo na grosseira trapalhice de acusar ao público um funcionário de incompetente para no número seguinte se vir dizer que todos só pecam por trabalhar de mais.

Tudo quanto a respeito da Repartição das Obras temos dito é a expressão da verdade e, se temos pecado, é por deficiência e não por excesso. Ve-lo-ão, já que nos provocam, dentro de pouco tempo, pois temos um esplendido e abundante dossier para o demonstrar.

Não se juntaram aqui, velhacamente, quaisquer verbas para esticar perante os pacóvios o custo das retretes.

Velhaco deve ser o «cabeça de turco» que tal afirma e que não se deu ao cuidado de verificar o que está escrito nas actas da Comissão Administrativa. Lá se diz que «foi aprovado o projecto de ampliação do mictório municipal, arrematado em 6 de Outubro, para servir também de retrete pública, orçado em Esc. 19:500.000 e resolveu que fosse executado conjuntamente com o primitivo projecto já arrematado». Quem mente, pois, velhacamente, não somos nós; é o «cabeça de turco».

Nos projectos das bocas da avenida havia e há uma diferença de 3 contos; foi o que sempre dissemos e é verdade. Verificamos que por erro tipográfico, numa das nossas referências ao assunto, saiu um 7 em vez de um 3. Velhacamente se aproveita disto o «cabeça de turco» para dizer que mentimos.

Quem mente é quem pretende continuar a enganar o público, escondendo os erros cometidos na reedificação do prédio do largo do liceu, e convidando os leitores para irem ver os gatos das padieiras que afirma não existirem. Se não são gatos, são gasus e o nome nada faz ao caso.

O que é certo é que os erros eram detal ordem que a habitabilidade do prédio constituia um verdadeiro perigo. Esse perigo desapareceu porque, depois do nosso alarme, se desfez o que se podia desfazer, e gateou-se ou reforçou-se, com vigas de ferro, o resto.

Se para tanto foi preciso metermos o nariz onde não somos chamados, como diz o «cabeça de turco», tolíce foi que se chamasse este a meter o nariz naquilo de que não sabe, mesmo... á razão de vencimento, de capataz.

P.º António Garcia

Não podendo resistir aos estragos da pertinaz doença que ha anos lhe torturava a existência, faleceu na passada terça-feira este nosso presado amigo, popular e respeitavel eclesiástico, que, pelas suas belas qualidades, intelligencia e fino trato, conquistou as maiores simpatias dos vimaranenses que, sem dúvida, sentirão a magua enorme do seu passamento.

Lamentamos profundamente a perda deste nosso amigo que sempre se soube impor á nossa estima.

Que descanse em paz.

Centro Republicano de Guimarães

AVISO

Para dar cumprimento ao disposto na primeira parte do artigo 16.º do Estatuto — Eleição dos corpos gerentes para o futuro ano de 1927 — são avisados os sócios deste Centro, no pleno gozo dos seus direitos associativos, a comparecerem, no proximo dia 2 de Janeiro, pelas 10 horas.

Não comparecendo numero legal de sócios, fica a mesma reunião adiada para o dia seguinte ás 21 horas, funcionando com qualquer numero.

Guimarães, 23 de Dezembro de 1926.

O Presidente da Mesa de Assembleia Geral,

João de Faria e Sousa Abreu.

Dr. Adriano Gomes Pimenta

Por um descuido da nossa redacção, que deveras lamentamos, não nos referimos no nosso ultimo numero ao falecimento do illustre director do nosso presado collega portuense «O Primeiro de Janeiro» o Ex.º Sr. Dr. Adriano Gomes Pimenta.

Conhecemo-lo do tempo da propaganda republicana em que o seu espirito combativo e a sua denodada actividade tanto brilho e lustre deram á causa por que sempre nos batemos.

Jornalista intelligente e orientador de um dos primeiros diários do Norte, a sua morte feriu rudemente o nosso coração de republicanos que sempre prestaram culto aos principios defendidos pelo velho Partido Republicano Português de que o saudoso extinto foi figura saliente, pois que presidiu por vezes á sua Comissão Municipal, sendo eleito em varias legislaturas deputado pelo Porto.

Advogado distincto e brilhante parlamentar, a sua morte, na pujança da vida, representa uma grande perda nas fileiras do P. R. P. que vivamente a deplora.

Perante o seu tumulo desfolha «A Velha Guarda» as flôres da sua saudade e apresenta a sua Ex.ª familia e á Redacção de «O Primeiro de Janeiro» a expressão sentida do seu profundo pesar.

EXPEDIENTE

Estamos procedendo á cobrança do primeiro semestre da presente fase de «A Velha Guarda», a qual principiou com o n.º 146 e termina com o n.º 171.

A fim de evitar devoluções de recibos, que nos ocasionam grandes despêsas, esperamos dos nossos presados assinantes a finese do pagamento do recibo logo que este lhes seja apresentado.

NATAL

A risonha tradição dos avoengos ornou de fantasia ideal o íntimo conceito desta familiar palavra — expressão singelamente eloquente que ilumina os cerebros nas horas incalmas de desalento. E, se a muitos satisfaz, se a tantos embriaga, a tantíssimos outros esmorece num psalmo insurrecto de dôr. E' nesta dualidade, riso e dôr, que as festas divergem — digo, a alma das festas. Relembrar que ao seio da família já faltam alguns entes que nela sortiram, cantaram e dela partilharam, é sofrer a mais ingrata das impressões. Mas é sempre o Natal, é sempre uma festa intimamente salutar.

Pela sesta da vespera, toda a gente presume em caminhar depressa. E é ver essas casinhas alvacentes a fumegar já pela tarde fóra! As chaminés esburacadas, os telheiros mal seguros, dão saída ás longas baforadas desse fumo que ora plúmbeo tolda o espaço, ora alvar parece subir em prece ao céu que a todos cobre.

E os pobresinhos rotos, os rotos sem abrigo, lá vão também brindar o grande dia; se não com a alegria dos seus olhos, ao menos com a mágoa deste mundo onde medram os qua por malvadez lhes negam pão. E são por ventura os desgraçados mais sinceros que os opulentos, nos fofos aconchegos da familia. Aqueles gemem censurando a natureza; e estes mentem alardeando caridade — coisa que nunca sentiram nem souberam praticar. São mesmo uns embusteiros que se dizem cristãos por afronta ao glorioso «Martir do Golgota» que os ensinou a repartir...

E os pobresinhos não querem que repartam. Não querem tanto; menos, muito menos do que isso. Rogam que os socorram. Ao contrário tiritam por estas noitadas frias. Sem abrigo e sem pão são quasi desprezíveis aos olhos caridosos dos tartufos sem consciencia que definem a espécie muito a seu modo. Nem mesmo podem ser os infelizes seus semelhantes! Quantos pensarão assim! E se o são que o agradeçam ao humilde Nazareno que em timbre de voz soante e justa e suave o fêz saber aos séculos distantes.

A não ser isto não faltaria quem negasse a verdade indestrutivel da própria natureza. O chamar-se catidoso a qualquer afortunado que nega a esmola ao primeiro pedinte que lhe aparece estendendo a descarnada mão tambem é vulgar. E é por isso que a gente não se entende. Os esfaimados pagam com lágrimas de eterno reconhecimento duas migalhas que lhe tiraram por escarneo muitas vezes e com palavras ofensivas. Os miseraveis são sempre mais sinceros nas suas preces. Os felizes da ventura costumam ser mais falsos nas suas promessas. Aqueles lutam contra a morte e pela vida a que sagradamente tem direito. Estes espesinham-

lhe o direito de viver empobrecendo-lhe lentamente o fio da existência. Ah! Como é falsa a apreçada caridade!

Ha felizmente quem desinteressadamente se lembre dos pobresinhos. E valha-nos esta satisfação. Quem dos pobresinhos se lembre nos momentos mais solenes dos anos — quais sejam um Natal e outro Natal — dá sobejas mostras de bom caracter e coração. Os caridosos de facto, que os ha realmente, almejam para os outros o consolo e por elles sofrem os rigores da petição. Assim é que muitos pobresinhos tambem gosam umas horas felizes. O Natal é para todos um altar de fé. Chama a si o direito de alegrar ou entristecer; e sempre nesta festa ha poesia. Poesia que ora vibra gargalhada iatensa, ora insufla as mais profundas saudades! Tudo é cantar — no conceito judicioso da musa popular. Benditos sejam os que sofrem! dizem geralmente os espiritos bemaventurados. No entanto aos que sofrem tudo lhes falta; até a graça dos visinhos. No entanto aos bemaventurados tudo lhes sorri; até uma mesa farta.

Ora, se o Natal é dia da união mais intima das familias, porque negar esse momento aos orfãos da ventura? Socorra-se a quem precisa que a harmonia reinará nas almas. E o Natal então já pode ser de todos, ricos e pobres, alegres e descontentes. Se houver dor não recaia a culpa na humanidade pelo remorso de existir miserias. Natal! Recordação da infância! Quem dera aos nubes abranger num hino só toda a sua historia! Fa-lo-hão todavia recorrendo á fonte da existencia morta — a tradição.

TIBERIO.

Suicidio

Numa dependência do Hospital de S. Domingos, onde residia, pôs termo á existencia, por estrangulamento, na manhã do passado domingo, o Rev.º Olímpio Rebelo, paroco da freguesia de S. Paio.

Desconhecem-se os motivos que levaram o tresloucado ecclesiastico a um acto de desespero desta natureza, fantasiando a opinião publica os mais descontraçados comentários sobre a sua tragica morte.

As auctoridades judicias investigam para apuramento de responsabilidades.

Industriais de padaria

Até ao fim do mês corrente, devem os proprietários das padarias depositar, na Delegação da Bolsa Agricola, a quantia de Esc. 500,000, e apresentar os documentos a que se referem os artigos 67 e 69 do Decreto n.º 8361, sob pena de serem encerrados os respectivos estabelecimentos.

Vinhos de Consumo

Das melhores procedências do Sul e Douro, vendem Jordão, Rocha & C.ª, Suc.ª.

Largo 1.º de Maio.

Moedas e notas de 100 mil reis

Foi prorrogado para 31 de Março futuro, o prazo para a recolha de todas as moedas de cobre de 1, 2, 4, e 5 centavos de nickel.

Para recolha das notas de cem mil reis, tambem foi prorrogado o prazo para 27 de Janeiro futuro.

Bagatelas

...E a vida será sempre um sudário de lágrimas; que viver é sentir e compreender; que sentir é sofrer... e sofrer é chorar. Chorar sem verter pranto! As lágrimas evaporam-se nas órbitas. Nem eu falava nesse choro da «mea culpa, mea culpa»! Isso já seria um sacrificio incompreensível, adequado ao zé — quilolis do arrependimento!... Viver não é um condão restricto do homem. As alimárias tambem vivem e — segundo dizem — sentem picadelas. Já é sentir e viver! Mas não raciocinam. Vem daí a grande diferença. Vivem entretanto muito felizes porque estão isentas de códigos; são até certo ponto os bichinhos mais livres da bola universal; que podem uivar ou outra coisa qualquer — pela calada da noite. E disso ninguém lhes tira contas. Coitados dos brutinhos! O que elles querem é sôpa. Caino neve na serra e desceram ao povoado. Deixai-os uivar!...

A sua razoavel tempera de aço já é qualquer coisa contra imprevisos. Deixai os bichinhos que o mundo é para todos. Se vivem não o sabem, nem o chegam a saber. Morrerão porque hão-de fechar os olhos para sempre. Oh! Ao contrario até eu queria ser rei. E seria a primeira vitima da troça. Mas é ali onde a ilusão fenecer. A ilusão sempre mentiu sem proferir mentiras. Faz ponto na primeira plana do vigarismo. Não há entretanto policia que a capture. E' quasi imensa. Que a policia se tal tentasse seria a primeira a ser vigerada, se é que o não foi ainda. E' natural que o fosse, porque do contrario acharia espinhosa a tarefa de apresar. A ilusão marcha por etapas numa ordem crescente até alcançar o ápice dos seus dominios. E ai dos mortais a quem a dita despedha dessas culminancias...

Era a morte pela certa!

O homem chorou. Dos seus olhos empolados estalaram duas rolhas de cristal, e com tal ruído, como se ouvesse partido de duas botijas. Comovia o coração patriarcal daquele choramigas. Quando abriu a bôca orizental viram-se-lhe os dentes afiados como ameias de sebo amarelento pelo tabagismo. O nariz rombo mostrou aos transeuntes as fases duma *laranjinha electrica*, talvez tocado pelo fardo, tão apreciado na casta. As saliencias do rosto estavam prenhes. E dos olhos, já embaçados, desciam até aos cantos da bôca dois traços fundos numa curva simétrica, elegante. E chorava desesperadamente. De quando em vez erguia as mãos calosas para chupar o cristalino humor das suas pálpebras. E chorava e grunhia e barafustava e batia o pé no chão. Alguem passoa nesta altura. E vendo o choramigas a berrar, a gritar, a soluçar e a tregeitar-se coléricamente, deu-lhe num ombro uma palmada.

—?!!!!!!

—Não te assustes, homem. Aqui tens duas onças de tabaco. Fuma a ver se te passa o sono.

—?!!!!!!

—Olha — disse apontando para o ar — aprecia o balão. Vê como elle sobe.

E elle olhou com uma mão sobre a frente. Mirou e remirou; com efeito o balão subia, subia — isso é que elle subia!

—Aquilo é que é um balão? E' aquela cousa que vai assim ao para cima?

—E', homem de Deus! Olha bem para elle que ainda há-de cair...

—Muito obrigado — disse apertando as mãos ao desconhecido —

muito obrigado. Há quanto tempo o não procurava eu?! Muito obrigado. Ouvia lá na aldeia falar em balões como cousa de subir. Vai daí, resolvi-me a vir á vila civilisar-me e conhecer mundo. Mas, como por aqui ninguém me dizia se o balão ia por cima ou por baixo, botei-me a chorar. Muito obrigado. Já o fico a conhecer...

E o nosso homem, serenando um pouco, desatou a rir.

* * *

Estoitou nos recôncavos do vale uma bomba. Quem seria o autor? perguntam temeratos os mirtores. Alguem foi. Alapardados vão fugindo os receosos. Há medo para aquelas bandas. O sino aldeão repica dando alarime. E o velho padre cura, de luneta encavalada no nariz, caminha resoluta para as ovelhas do seu rebanho. Fala-lhes. Escutam-no. E o silencio cresce. E o terror aumenta. Vem correndo um rancho de crianças vozeando infernalmente. Amotinam-se todos: o sacerdote acaudilha os. Lá vão nas pelúgas do delinquent. Onde estará? Mistério. Por detraz dum come andam esparsos uns fartapitos de fumo. Será ali? Do outro lado gritam. Correm lá. E o regedor, assustado para os seus dias, aparece-lhes a tremelicar.

Para o lado do fumo!... balbuciam. E lá vão, pé ante pé, para esse lado. Eis que se lhes depara um homem pacato aticando uma fogoeira.

— Quem é V.?. ..

— Não importa. Sou pouco barulhento...

— Mas a bomba... (?)

—?!!!

— Sim, esse estoíro que há pouco nos atordou?!

— Ah! Já lhes conto: há bocado um homenzinho chegou-se a mim e, furtando-me uma castanha mal assada, safou-se por aí. Caso é que após alguns segundos ouvi como V. V. estoírar qualquer coisa. Fui a ver e, castigo divino — era a castanha que se lhe havia rebentado na bôca.

...E teimam em chamar-nos quanto querem. E teimam em dizer que somos nós quem faz banzé. *Valentia boy*? Não somos, não senhor. Faça ver isso a essa gente. Apre! O diabo urde-as. Nós o que temos, por intenção natural de defesa, é uma seringa de alcance afim de refrescar certos meninos abrasados no calor do seu conceito; afim de torcer os bicos depenicadores; a fim de pôr as coisas nos seus devidos lugares.

Não sofismamos. O que é falso deita-se á cestinha dos papeis velhos. O que é veridico não se vende por dinheiro nem coisa que o pareça. E' uma mania como outra qualquer, bem sabemos. Afinal, há tanto negócio oportuno...

Mas não agrada. Agora fazemos ponto neste assunto. Noutra ocasião podemos dissertar por mais largamente sobre elle. Demais, o tempo é dinheiro. Para mais não dizer, simplesmente isto: todo o cuidado é pouco para evitar atritos, irremediáveis confusões. Muitas vezes há equívocos. Depois surgem dificuldades. São estas que queremos evitar...

Quando tarde, não recusamos. Assim está certo.

H. B.

«A Velha Guarda»

Compram-se na administração deste jornal os n.ºs 90, 93, 125, 126, 128, 130, 144 e 145 de «A Velha Guarda».

A Pisqueira

A história portugueza dá-nos exemplos sublimes da raça — auctos nomes que a glória exarou nas suas páginas. Fulgura nela o oiro das suas letras. Há sangue na expressão reveladora dum passado maior. Há nervosismo e vida em si. Perpassam colossais, a sombra de Egas, os feitos de Nua'Alvares na revoadá dum sonho. E orna-lhe a cabeça, como se o sol nascente nos seus primiros afagos, uma auréola de orgulho rático; que é o nosso pela vida que desponta dessa infância épica.

E a história fala ainda, vincando o feminismo dessas eras, da figura portentosa e muscular de Brites de Almeida, a padeira semi-barbara que rojou com a pá famigerada os sete castelhanos no pavimento do seu casiteu. Recordar é viver, dizem os velhos juizos. Assim, lemos em algures notas varias compiladas sobre a biografia dessa rude heroína que a Portugal deu um nome em homenagem das mulheres que acaudilha consanguinea e varonilmente. Mas — e é sempre o mas da tradição! — teria existido realmente essa mulher? Pergunta facil e modesta que-faz trepidar os mestres de história! Pergunta que contrapõe em barafunda e luta as mais desencontradas opiniões!

Se existiu, chacinou sete castelhanos semi-mortos pela fadiga; se é puro invento da lenda, encerra um fundo de moral aproveitável. Afirma-se todavia que existiu. E era natural — lá dizem os outros, que para o dizermos nós, não temos competência — de Faro e nascera de pais humildes. De estatura elevada, esquelida e tristemente feia, tinha a bôca larga, nariz adunco como o bico das aves de rapina e uns olhitos minúsculos, vibrantes, que lhe valeram a alcunha significativa de «Pisqueira». O cabelo era, por harmonia do todo, asperamente hirsuto...

...Um Adamastor de saias! — no dizer jocoso de alguém que isto refere.

E, para em tudo ser uma excepção, possuía em cada mão seis dedos. Por morte de seus pais, consumiu a herança, que deles novvera, na arte de bem manejar as armas, sua paixão, seu anseio. Orçavam-lhe a idade, a quando isto, pelos seus vinte e seis anos. Após, foi residir para Loulé, na fazenda que alugou para fabricar.

Surgiu-lhe então a primeira vitima. Era um soldado alentejano que dela se agradou infelizmente. Não devia ser grande traste!...

O certo é que a «Pisqueira» se negou a galanteios e quiz, por recompensa, uma briga que demovesse o seu frio coração. Trouvou-se a luta — experimental no começo, feroz no auge e tragica ao terminar. O simpiótico guerreiro sofreu o sarcasmo deturpante de ser vencido e morto pelo braço hercúleo e rude duma mulher.

E ella, sensivelmente amedrontada, fugiu para Faro, sua terra natal, e dali se escapou a sós numa lanchita com destino á Andaluzia. Mas, por azar, foi arrebatada para longe da costa pela ruim maré, o que apenas lhe ocasionou uma prisão. Alguns infieis da Argélia, piratas que rondavam tolo o Mediterraneo e demais costas da Europa, deitaram-lhe a luva. E lá foi vendida a um moiro muito rico que já possuía dois escravos portuguezes. Mas a Brites «Pisqueira» não se ficou. Pela calada de certa noite tomou-se de ânimo e, coadjuvada pelos dois compatriotas seus, matou toda a moirisma que a detinha e fugiu numa barcola que havia aprontado para esse fim. Andaram vagabundos pelo mar alguns dias, até que chegaram á Ericéira, sem comer nem beber havia muito tempo. Como levariam os estomagos!

Apre, que a Pisqueira tinha fígados e foi mulher de grandes trabalhos!

E depois — segundo Pinho Leal — vestiu-se de homem afim de despistar as autoridades portuguezas que não lhe haviam perdoado o crime de homicídio praticado em Loulé. Mas, e passava então por almocreve, envolvendo-se em rixa com outro valentão de bigode e fazendo-o seguir os trâmites dos antecedentes, foi presa para Lisboa. E, porque era mulher de boa sorte, libertou-se e foi contratada para Aljubarrota como forneira da casa que mais tarde veio a possuir. Foi ali que ao engecer do crepúsculo da tarde de 14 de Agosto desse ano de 1385 derubou os sete miserandos castelhanos que, acometidos de pavor, procuravam abrigo e caridade cristã em terras estrangeiras; mas foi-lhes negada. A hiena zelava o amor Pátrio. Era ciosa d'ele. Que cõtulação diabólica lhe havia de azougar os olhos piscos ao perpetrar a morte daqueles inimigos que — ainda a sorte do destino — lhe vietam parat ás mãos pouco fagueiras!

Muito pouco amovavel devia ser a brigosa Brites de Almeida que então contava quarenta anos. E a lenda tece-lhe agora rendas coloridas, orna-lhe a frente de flores quiméricas! Ah! que se não fora a batalha de Aljubarrota teria bem ao contrario um eco de repulsão. Mas a chacina no dia mais glorioso da nossa historia reabilitou-a ante o olhar da Patria...

...Se é verdadeira a historia da sua vida. Que é um ponto de interrogação (?) este problema. Embora se haja julgado veridica e real como se julgou em 1842 a personalidade desta mulher.

...Mulher que num mixto de barbara e heroína, cobrou foros quasi sublimes de consagração épica! Mulher que definiu eloquentemente o espirito da raça!

A pá caracteriza o braço de armas de Aljubarrota. Os séculos respeitam-lhe esse privilegio...

E vem todo este aranzel, não para memorar um facto ou pseudo facto que todos conhecem bem, mas para dizer que há muitos imbecis e tartufos e snobs que catecem de levar no lombó com um malho tão pesado como a pá que a mão possante da Pisqueira empunhou gloriosamente. Tão pesado, por castigo!

Não a pá que seria honra-los demasiadamente. Sim, um malho; ou então um feixe vincilhado de vimes sécos. Ha pataratas a mais. Pataratas que infestam e desrespeitam os direitos colectivos! Guerra a elles!

Nem há motivo de os poupar. Não vá acontecer-nos o mesmo que a Aquiles quando a seta traiçoita de Paris lhe envenenou um ternozelo.

Dissipemos a treva. Colhamo-los na luz. Há muito sandeu a escorraçar.

A pá da Pisqueira ainda ha-de fazer milagres.

E a mulher feia dos seis dedos em cada mão, removendo-se na guarida mortuaria, reclinando as partículas mais ínfimas do seu corpo, ha-de exclamar: agora sim!

Casamento

Deve realizar-se brevemente o enlace matrimonial do nosso preso amigo Snr. Gaspar Ferreira Paul, importante industrial em Bairro-Famalicão, com a Ex.ª Senhora D. Emilia da Natividade Pereira da Silva Cabral, gentil e preñada dama vimaranense.

Atentas as belas qualidades de caracter e de coração de que os noivos são possuidores, é de prever um lar harmonioso e muito feliz.

A «A Velha Guarda» apresenta-lhes de antemão os seus cumprimentos respeitosos com o desejo de uma perene lua de mel.